

Na laguna dos *vaporetti* a estranheza de um cacilheiro

O cacilheiro de Joana Vasconcelos já está em Veneza para fazer parte da Bienal. O *Trafaria Praia* é tão eficaz que poderá diluir a componente que mais facilmente identificamos com uma “obra de arte”

Análise Filomena Silvano, em Veneza

Na água, atracado mesmo em frente aos Giardini – o recinto onde se encontram os pavilhões mais antigos da Bienal de Veneza – está o *Trafaria Praia*, um cacilheiro de Lisboa transformado em Pavilhão de Portugal. Um barco estranho, diferente tanto dos enormes iates que mais à frente quase tapam a vista da Praça de S. Marcos como dos *vaporetti* que param ali perto para constantemente deixar pessoas.

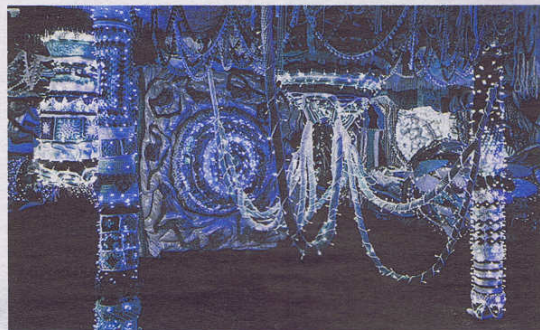
Com parte do casco coberto de azulejos brancos pintados em vários tons de azul, o cacilheiro transformado resulta discreto mas apelativo. Encostada à proa, uma criança com cerca de oito anos comenta aquilo que passa pela cabeça de muitos: “Gosto de ver a bandeira portuguesa em Veneza!”

De facto, a obra de Joana Vasconcelos cruza-se frequentemente com o trabalho, colectivo e mais lato, de construção da ideia de nação. Seja através do uso da cultura material de cariz popular, seja através do uso das narrativas históricas, a identidade nacional é por ela convocada, desconstruída e também construída. De forma consciente, a artista integra essa empresa colectiva e o comentário da criança portuguesa de visita a Veneza mostra a eficácia desta sua intervenção: ali, içada em frente ao lugar que durante alguns dias centraliza o mundo da arte, a bandeira coloca a nação no planeta global. O projecto, um todo produzido pelo Atelier Joana Vasconcelos, traduz-se numa performance cujo terreno de intervenção é a identidade nacional.

O cacilheiro, escolhido porque permite evocar as relações e os paralelismos históricos entre Veneza e Lisboa, foi desmontado e refeito de forma a poder transformar-se num lugar que acolhe visitantes em vários acontecimentos: ouvem conferências, assistem a concertos, consultam bibliografia, bebem, comem, compram objectos,



Instalação *Valkyrie Azulejo* no interior do cacilheiro *Trafaria Praia*



O cacilheiro *Trafaria Praia* em Veneza

percorrem uma instalação e passeiam ainda pela laguna.

O trabalho de arquitectura é muito eficaz. Desde uma pequena entrada, que acolhe os visitantes ainda no exterior, até ao chão do “porão”, todo o cacilheiro foi coberto e mobilado com cortiça. Para lá da cortiça, material representativo de um *craft* português com reactivações recentes, o exterior do barco foi coberto com um enorme painel

de azulejo – outra arte decorativa nacional – que representa a Lisboa contemporânea e que simula o painel que nos dá hoje a imagem do que foi a cidade antes do terramoto de 1755.

No interior, podem ainda ver-se e comprar-se múltiplos produtos representativos de uma cultura material de cariz popular que está hoje sujeita a processos vários de patrimonialização, frequentemente de carácter

FOTOS: LUIS VASCONCELOS/UNIDADE INFINITA PROJECTOS

espaço é forrado por formas que evocam o fundo dos mares feito de crochês, fitilhos, pompons, restos de tecidos... Tudo aquilo que as bisavós da geração Ikea usavam para encherem as suas casas de conforto.

Relativamente a tudo isto, Joana Vasconcelos tem um discurso que transporta, de forma directa, a problemática questão dos usos contemporâneos da cultura popular para o terreno da produção artística. “A parte tradicional desaparece e aparece uma nova dimensão. É essa que é avaliada. Não é o lado tradicional da obra, que só nós é que conhecemos”, diz a artista num dos materiais distribuídos à imprensa.

Nesse salto conceptual, Joana Vasconcelos afasta-se de um possível discurso crítico relativo aos processos de tradicionalização e de nacionalização presentes, que, apesar de serem transpostos para o interior do processo de construção de uma peça de arte, acabam por não ser desconstruídos. Ao mimetizar a lógica representativa das grandes exposições internacionais, o cacilheiro, que na realidade é uma peça central de uma performance concebida por uma artista, parece, sem o ser, um pavilhão representativo de uma cultura nacional. Nas palavras da própria autora, na conferência de imprensa de ontem em que estavam presentes o secretário de Estado da Cultura, o comissário Miguel Amado e o presidente da Câmara de Lisboa, o pavilhão é “uma embaixada portuguesa”. “[E] quisemos trazer o que há de melhor em Portugal.”

O facto é que o atelier Joana Vasconcelos conseguiu, num notável esforço de produção em que envolveu privados – a autora disse ao PÚBLICO que os custos da obra ultrapassam, no total, um milhão de euros –, trazer para a laguna dos *vaporetti* a estranheza de um outro barco, um cacilheiro de Lisboa. A performance funciona com um todo e é tão eficaz que pode até nela diluir a instalação de Joana Vasconcelos, a componente que mais facilmente se poderia identificar como uma “obra de arte”, no sentido estrito do termo.

Nas palavras da própria autora, na conferência de imprensa de ontem, o pavilhão é “uma embaixada portuguesa”. “Quisemos trazer o que há de melhor em Portugal”